A PERTURBADORA PRESENÇA ANIMAL: A 'REPRESENTAÇÃO' DO OUTRO DA NOSSA CULTURA EM "VOLAMOS", DE ANTONIO DI BENEDETTO

ANA CAROLINA MACENA FRANCINI

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Tem experiência na área de Letras e Educação. Atualmente, trabalha como professora de Português e Espanhol no Instituto Federal de São Paulo, campus São Roque.

Recebido em: 29 de dezembro de 2015

Aceito em: 07 de junho de 2017

RESUMO

Em *As palavras e as coisas*, Michel Foucault tece reflexões sobre a “mesmidade”, uniformidade, do pensamento ocidental, ordenado pela linguagem, ou melhor, por suas ruínas. Entretanto, é interessante notar que é a partir da perturbação causada pelo conto fantástico “O idioma analítico de John Wilkins”, de Jorge Luis Borges, que Foucault inicia sua trajetória de perscrutar as ruínas da linguagem que outrora deram sustentação ao conhecimento e suas taxonomias, desdobrando-se numa discussão inerente à modernidade sobre a capacidade da linguagem de nomear as coisas e os seres vivos do mundo ao confiná-los em categorias. Para o filósofo francês, “uma certa enciclopédia chinesa”, citada no relato de Borges, causa riso e perturbação, já que a tentativa de classificação dos animais por meio da ordem alfabética delata as limitações do pensamento racional de abarcar o ‘outro’ e remete ao impensável, à desordem e ao caos. Por sua vez, o intento de classificação no conto borgiano, na verdade, interpela exatamente sobre a impossibilidade dessa ordenação por meio da linguagem, do discurso racional, que somente pode fazê-la forjando categorias. Daí seja possível pensar o discurso literário - neste caso, o conto fantástico - como espaço privilegiado para sondar o “outro” de nossa cultura, ao “escavar” a linguagem, descentralizando os sentidos e desestabilizando o sistema de categorias, como faz o texto de Borges. Este também é o percurso deste trabalho que apresenta um estudo do conto “Volamos”, presente no livro *Mundo animal* (1953), do argentino Antonio Di Benedetto, publicado no pós-guerra, período em que as concepções dominantes sobre o humano entram em crise e nota-se um inegável interesse em problematizar os conceitos sobre humanidade e animalidade, por meio da ficção. A análise desse conto, considerado pertencente ao modo fantástico da literatura, indaga sobre como o sentimento perturbador que caracteriza esse estilo pode surgir da (estranha e ao mesmo tempo familiar) presença animal, uma presença não totalmente ‘pensável’ pela racionalidade humana confinada no Mesmo, porém repleta de sentido.

PALAVRAS-CHAVE

Di Benedetto; Fantástico; animalidade; humanidade; Foucault.

Não há limites para a imaginação simpatizante.

Elizabeth Costello, J.M. Coetzee

Contos fantásticos do pós-guerra: sai de cena a presença animal como "pura alteridade inteligível" do humano

Em seu livro *Formas comunes* (2014), Gabriel Giorgi salienta um gesto comum dos textos literários da América Latina, a partir dos anos setenta (mas que se nota de maneira contundente já a partir dos anos 1950), nos quais se estabelece uma nova proximidade ou contiguidade com a vida animal. Vida animal esta que – sem poder ser simplesmente nomeada – irrompe nos espaços domésticos, desestabilizando o discurso de hierarquização das espécies e as concepções dicotômicas e logocêntricas a respeito da animalidade/humanidade (GIORGI, 2014, p. 11-12).

De certa forma, é um gesto que se pode perceber no conto fantástico “O idioma analítico de John Wilkins”, de Jorge Luis Borges, que deu origem ao livro *As palavras e as coisas* (2002), conforme assinala Foucault em seu prefácio:

Este livro nasceu de um texto de Borges. Do riso que com sua leitura, perturba todas as familiaridades do pensamento – do nosso: daquele que tem nossa idade e nossa geografia – abalando todas as superfícies ordenadas e todos os planos que tornam sensata para nós a profusão dos seres, fazendo vacilar e inquietando, por muito tempo, nossa prática milenar do Mesmo e do Outro. (FOUCAULT, 2002, p. IX)

A impossibilidade de uma taxonomia do conto fantástico de Borges permite Foucault pensar sobre as transformações da linguagem, a partir do século XIX, a qual perde sua congruência com as teorias de representação, ou seja, deixa de possuir a capacidade de referir-se às coisas, como se caracterizava no século XVI. Foucault, então, propõe um estudo “arqueológico” da linguagem, já que esta se apresenta num “espaço de ruínas”: ruínas do que antes eram construções de racionalidades,

pensamentos, culturas, gramáticas, classificações etc. que perderam a razão de ser na escrita da modernidade.

Por sua vez, é pertinente ressaltar o fato de que Foucault parte justamente de um conto fantástico para escavar as ruínas da linguagem que outrora deram sustentação ao pensamento racional e suas taxonomias. Isso porque, como já salientava Derrida que caberia ao “pensamento poético” tentar perscrutar o animal e seus confins, a escrita de ficção pelo exercício da imaginação – sem buscar forjar classificações racionais como a ciência e a filosofia – parece se apresentar como o discurso privilegiado para explorar o ‘outro’ da nossa cultura, o qual não cabe no limitado discurso do ‘Mesmo’, do pensamento ocidental.

No conto fantástico que será analisado neste trabalho, “Volamos” do livro *Mundo animal* (1953), do escritor argentino Antonio Di Benedetto, é possível perceber um rechaço à representação da vida animal como ser vivente de segunda classe (por não se encaixar no “penso logo existo” de Descartes) e somente inteligível a partir de sua contraposição à definição de ser humano, como sujeito cartesiano. Nesta narrativa, abandona-se o campo da representação, em crise (como salientou Foucault), para dar lugar ao campo da imaginação, nas palavras de Gabriel Giorgi:

Ese animal que había funcionado como el signo de una alteridad heterogénea, la marca de un afuera inasimilable para el orden social – y sobre el que se habían proyectado jerarquías y exclusiones raciales, de clase, sexuales, de género, culturales –, ese animal se vuelve interior, próximo, contiguo, la instancia de una cercanía para la que no hay “lugar” preciso y que disloca mecanismos ordenadores de cuerpos y sentidos. (GIORGI, 2014, p. 13)

É por essa razão que Gabriel Giorgi afirma que em muitas obras do pós-guerra – como veremos no conto a seguir – a vida animal pode surgir não como signo de alteridade, mas como um “signo político” (2014, p. 13), que problematiza a visão di-

cotômica sobre animalidade/humanidade e denuncia as formas de controle da vida na cultura, justificadas pelo discurso da hierarquização das espécies. Ao contrário do discurso filosófico/científico que *pensa sobre* o animal, o conto fantástico pelo exercício da imaginação *coloca o leitor na experiência* da vida animal, ao pôr em foco o ser vivente em sua inteireza, como força vívida, sem negar o corpo e sem delimitações de espécie, borrando os limites com a vida humana e perturbando o pensamento do Mesmo e do Outro de nossa cultura.

Os 'ornitorrincos'

Em “Volamos”, de Antonio Di Benedetto, a narrativa se desenvolve em torno de uma espécie de diálogo, com falas não claramente marcadas, em que a personagem feminina conta ao narrador-personagem sobre seu curioso ‘gato’:

Como puesta ante un apacible e inofensivo misterio, que puede serlo, con ganas de hablar, que a mí me faltan, me cuenta de su gato. Es sí. Claro que es; pero... Ante todo, como es huérfano, recogido por compasión, se ignora su ascendencia. (DI BENEDETTO, 2007, p. 75)

Nota-se uma hesitação na fala da personagem feminina em afirmar que seu animal é de fato um gato a qual vai se intensificando no decorrer da narrativa:

Es gato sí y le agrada el agua. De las acequias no prefiere los albañales, sino la corriente barrosa. Se lanza acezante, pisa fuerte y salpica; hunde las fauces y hace que toma, pero no toma, porque es de puro goloso que lo hace (...) (DI BENEDETTO, 2007, p. 75)

O modo como ele se entretém na água, contudo, aproxima-o de outra categoria: “(...) Puede pensarse que no es gato, que es un perro. También por su actitud indiferente en presencia de los demás gatos” (DI BENEDETTO, 2007, p. 75). Mas a cada

nova característica atribuída ao 'gato' menos ele parece pertencer a qualquer espécie, solapando os sistemas de classificação convencionalmente estabelecidos:

(...) Pero es que asimismo se limita a observar desde lejos a los perros y ni siquiera enardece frente a una pelea callejera. Como al emitir la voz desafina espantosamente y además es ronco, no puede saberse si maúlla o ladra. (DI BENEDETTO, 2007, p.75)

Em paralelo a essa impossibilidade de classificação que perturba, chama a atenção a necessidade incessante da personagem de ajustar seu animal em alguma categoria, nas palavras do narrador: “Empero ya no me habla: se habla. Revisa lo que sabe y quiere saber más” (DI BENEDETTO, 2007, p. 75). Esta atitude da personagem, por sua vez, evoca o movimento do pensamento clássico de buscar a ‘ordem das coisas’ por meio da linguagem:

A ordem é ao mesmo tempo aquilo que se oferece nas coisas como sua lei interior, a rede secreta segundo a qual elas se olham de algum modo umas às outras e aquilo que só existe através do crivo de um olhar, uma atenção, uma linguagem (...) (FOUCAULT, 2002, p. XVI)

Num gesto semelhante às compilações do século XVIII, como a taxionomia dos reinos animais de Lineu, a personagem intenta encontrar um lugar para seu animal nessa ‘ordem’ a qual linguagem, a palavra, teria de oferecer:

Es gato y le gusta el agua. Eso no autoriza a concluir que sea un perro. Ni siquiera está la cuestión en que sea perro o gato, porque ni uno ni otro vuelan, y este animalito vuela, desde hace unos días se ha puesto a volar. (DI BENEDETTO, 2007, p. 75)

Entretanto quanto mais invoca as classificações mais elas parecem insuficientes para nomear esse animal gato-cachorro que voa, intensificando o sentimento pertur-

bador. Tal sensação de estranhamento, por sua vez, não se limita à personagem, ela alcança o leitor, já que a narrativa, a exemplo da enciclopédia chinesa do conto de Borges, propõe pensar o impensável pela racionalidade: um animal sem referência exata na realidade, numa narrativa que se volta para a própria linguagem e suas limitações.

Em seu livro *O animal escrito*, ao discorrer sobre os bestiários contemporâneos, Maria Esther Maciel traz à discussão uma figura híbrida interessante para se pensar a arbitrariedade das classificações, o ornitorrinco:

Considerado um puzzling animal, o ornitorrinco provocou a perplexidade dos cientistas por ser um híbrido de mais ou menos 50 cm, sem pescoço, com patas dotadas de membranas, cauda semelhante à de um castor, bico de pato, membros posteriores dotados de esporões venenosos, além de ter um corpo achatado e coberto por um pelo marrom escuro. As fêmeas são ovíparas, mas amamentam seus filhotes através de mamilos internos. (MACIEL, 2008, p. 37)

À semelhança do animal do conto, o ornitorrinco apresenta características de várias classes, tanto das aves, dos mamíferos como dos peixes. Não foi tarefa fácil para os naturalistas britânicos, no século XVIII, chegar a um consenso sobre a classe a que pertenceria, o que só foi possível, como oportunamente salientou Maciel, por uma “aproximação analógica”, assim, foi necessário criar mentalmente um ponto de semelhança, a partir do exercício da imaginação, ou seja, do poético e literário (MACIEL, 2008, p. 39). Este fato, por sua vez, põe em xeque a visão do pensamento clássico de que havia uma ordem inerente e inalterável das coisas conferida pela linguagem:

(...) Esta é a configuração que, a partir do século XIX, muda inteiramente; a teoria da representação se desaparece como fundamento geral de todas as ordens possíveis; a linguagem, por sua vez, como um quadro espontâneo e quadriculado primeiro das coisas, como suplemento indispensável entre a representação e os

seres, desvanece-se (...) e, sobretudo, a linguagem perde seu lugar privilegiado e torna-se, por sua vez, uma figura da história coerente com espessura de passado. (FOUCAULT, 2002, p. XX)

A narrativa de Di Benedetto, pela voz da personagem feminina, também traz à tona essa discussão sobre a historicidade da linguagem cuja ordem não consegue mais categorizar os seres e as coisas, delatando suas ruínas e limitações. Por outra parte, é interessante notar que, ao contrário da mulher, o narrador-personagem não mostra a mesma inquietação frente ao mistério relatado:

Hago como me asombro. Pero no abro la boca, porque de preguntar o comentar me preguntaría por qué pienso así y tendría que explicar y complicarme en un diálogo. (DI BENEDETTO, 2007, p. 75)

Assim como na modernidade parece ter se alterado a perspectiva sobre o conhecimento, esse personagem parece ter outro olhar sobre a impossível classificação do pequeno animal. Entretanto durante quase toda a narrativa optará pelo silêncio e o não embate de ideias:

Yo espero que me pregunte si creo que se trata de una brujería. Pero no; al parecer, no cree en eso. Yo tampoco; aunque lo pensé. Mejor dicho, pensé que ella lo pensaba. Pero no. _ ¿No te maravillas? _ Sí; seguramente. Me maravillo. Cómo no. Me maravillo. (DI BENEDETTO, 2007, p. 75)

Não obstante, é o que o narrador pensa mas não fala à personagem feminina que desperta maior interesse, desfechando a narrativa:

Pienso que ella supone que he de maravillarme porque lo que creyó era gato puede ser perro lo que puede ser gato o perro puede ser un ave o cualquier otro animal que vuele. Debiera maravillarme porque, lo que se cree que es, no es. No puedo. ¿Acaso me maravillo de que tú no seas lo que tu esposo crees que eres? ¿Acaso me maravillo de no ser lo que mi esposa cree que soy? Tu animalejo es un cínico, nada más. Un cínico ejercitado. (DI BENEDETTO, 2007, p. 76)

Este excerto sugere uma nova situação crucial para analisar a ausência de inquietude do personagem frente ao que narra a personagem feminina: os dois possivelmente estão numa relação extraconjugal. Tal condição de amantes permite um gesto distinto do narrador-personagem que, ao invés de buscar a “ordem das coisas”, distinguindo o animal em uma categoria, ele procura estabelecer uma relação – recuperando as ideias de Lestel – entre animal e humano num mútuo confronto que borra as divisas das categorias binárias.

Dessa forma, haveria um vínculo, uma passagem fluida, entre esse animal e os personagens, os quais “não seriam aquilo que se pode acreditar que são”. É significativo em seu discurso que use o adjetivo “cínico” para qualificar o animal que, segundo o 81 dicionário Houaiss, significa “que (m) afronta as convenções e conveniências morais e sociais” (2012, p. 167), um termo ambíguo, também fluido, que pode caracterizar o animal bem como os próprios personagens da narrativa, os quais estão, de forma semelhante, fora da ‘ordem instituída’.

Do mesmo modo que o animal do conto ‘desafia’ as ‘convenções’ da linguagem, não se encaixando em nenhuma categoria pré-estabelecida, os personagens também transgridem definições e padrões estabelecidos da sociedade, a exemplo da monogamia. É interessante notar que a narrativa não só evidencia as insuficiências no ato de nomear mas o fracasso das instituições que ordenariam tanto o saber como o próprio mundo.

Por fim, a partir dessa problematização das definições de animalidade, humanidade e seus saberes, a narrativa instiga o questionamento: não seremos todos uma variação dos ornitorrincos, seres para os quais qualquer dispositivo de categorização resultará insuficiente e arbitrário? O título do conto sugere uma resposta, por mais perturbadora que pareça a impossibilidade de classificação: todos “volamos”.

Bibliografia

BORGES, Jorge Luis & GUERRERO, Margarita. **El libro de los seres imaginarios**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1978.

DI BENEDETTO, Antonio. **Cuentos Completos**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.

COETZEE, J. M. **Elizabeth Costello: oito palestras**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GIORGI, Gabriel. A vida imprópria. Histórias de matadouros. In: MACIEL, Maria Esther (org.) **Pensar/escrever o Animal – Ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: UFSC, 2011.

_____. **Formas Comunes: animalidad, cultura, biopolítica**. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2014.

LESTEL, Dominique. A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas”. In: **Pensar/escrever o Animal – Ensaios de zoopoética e biopolítica**. In: MACIEL, Maria Esther (org.) **Pensar/escrever o Animal – Ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: UFSC, 2011.

MACIEL, Maria Esther (org.). **O Animal Escrito – Um olhar sobre a zooliteratura contemporânea**. São Paulo: Lumme Editor, 2008.

_____. Poéticas do Animal. In: MACIEL, Maria Esther (org.). **Pensar/escrever o Animal – Ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: UFSC, 2011.

YELIN, Julieta. Nuevos imaginarios, nuevas representaciones. Algunos claves de lectura para los bestiarios latinoamericanos contemporáneos. In: **LLjournal** 3.1 (2008) The Graduate Center, City U of New York. 20 Dic. 2009. Disponível em: <<http://ojs.gc.cuny.edu/index.php/lljournal/article/view/302/328>>.